

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 16 – A vida de obediência no Reino

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



DISCIPULADO

A vida de obediência no Reino

Jesus afirma que os discípulos são sal da terra e luz do mundo e em sequência mostra claramente o “como” para essa missão. Jesus anuncia: “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir [...] Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus” (Mt 5.17-19). Jesus deixa claro que no centro do discipulado está a obediência aos comandos, estão os mandamentos que devem ser compreendidos e aplicados para que os discípulos sejam um sal que oferece contraste, uma luz que de fato ilumina.

Jesus prossegue afirmando que os discípulos devem mostrar em suas vidas uma justiça muito superior a dos escribas e fariseus (Mt 5.20). Jesus cita esse comando logo após deixar claro que não veio revogar ou romper com a lei de Moisés, mas veio de fato cumpri-la, vive-la, incorporá-la. Já citamos anteriormente que “[Mateus] desejava demonstrar que apesar de o evangelho trazer mudanças, elas eram o cumprimento das Escrituras dos judeus, não sua perversão”.¹

A questão é que os ouvintes de Jesus devem ter entrado em um estado de choque quando ouviram essa palavra de Jesus, pois os escribas eram profundos conhecedores da lei mosaica e os fariseus eram os grandes praticantes de seu tempo, os campeões no que diz respeito a vivência da lei. Em que sentido o discípulo deveria ser mais justo do que os escribas e fariseus? Só conseguimos compreender completamente este texto lendo a sequência dos sermões do monte e a própria sequência do Evangelho de Mateus.

Na sequência Jesus dispara seis vezes: “Vocês ouviram o que foi dito...” (v.21, 27, 31, 33, 38 e 43). Após cada introdução, Jesus aborda um tema da lei mosaica: homicídio, adultério, divórcio, juramentos, vingança e amor ao inimigo. Cada tem é introduzido pela fórmula “Vocês ouviram o que foi dito” e encerrado com a fórmula “Eu, porém, digo a vocês...” (v.22, 28, 32, 34, 39, 44). A primeira vista, soa que Jesus está de fato revogando ou mudando a lei mosaica, algo que o Redentor disse que não faria expressamente há alguns momentos atrás (v.17). Então o que Jesus está fazendo de fato?

Tasker afirma que “nesta seção Jesus insiste em que em seu ensino ele não está, de modo nenhum, contradizendo a lei mosaica, embora esteja em oposição ao tipo legalista de religião que os escribas haviam construído sobre ela”.² Jesus não está desconstruindo a lei de Moisés, mas está desconstruindo a interpretação legalista dos escribas e fariseus que liam a lei de maneira a focar apenas no comportamento, esquecendo-se que o verdadeiro lugar da obediência é o coração.

Os escribas e fariseus obedeciam a lei rigorosamente com seus atos, mas seus corações estavam impregnados com toda sorte de cobiça, ódio, inveja, desprezo, arrogância e maldade. Mais a frente, Jesus condena claramente a hipocrisia dos escribas e fariseus (Mt 23), deixando claro que por trás daquela aparente santidade havia um fosso de sujeira, maldade e cobiça ao chamá-los de sepulcros caiados (Mt 23.27,28).

Ao aplicar a lei e questionar as interpretações de escribas e fariseus, Jesus não está revogando a lei de Moisés, mas está chamando para si a autoridade de ser o intérprete definitivo da lei mosaica, o novo Moisés que se assenta sobre o monte com autoridade para afirmar o que a lei de fato quer dizer e como vivê-la. É importante novamente lembrar que esta ideia está profundamente alinhada com a agenda de Mateus e que revela Jesus como o Messias Legislador: Jesus tem autoridade para dizer como devemos viver a luz do Reino de Deus.

¹ THIELMAN, Frank; Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p.103

² TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.51

Mesmo onde Jesus parece contradizer a lei de Moisés, como no caso do divórcio, um exame mais minucioso deixa claro que “Jesus não desautoriza a lei que permitia o divórcio quando marido achasse ‘coisa indecente’ em sua esposa, mas condena a interpretação frouxa destas palavras, tão comumente adotada naquele tempo”,³ especialmente pelos fariseus que viam qualquer motivo como suficiente para dar carta de divórcio as esposas.

Logo, “não se devem evitar apenas os assassinatos, mas também a fúria que o produz (5.21,22). Tampouco se condenará só o adultério, mas o desejo que conduz a ele (5.27-30)”.⁴ Jesus leva a questão da lei até os espaços mais interiores do coração: não devemos odiar nem desprezar em nosso coração, não devemos pecar contra o nosso casamento em nosso coração, não devemos dar lugar a vingança em nosso coração, não devemos odiar nossos inimigos em nosso coração. Ao levar a lei para o lugar mais interior, profundo e essencial do homem o que Jesus “está dizendo é que as exigências de Deus nestas questões são muito mais amplas, inclusivas e rigorosas do que pareciam sugerir as interpretações correntes dadas pelos escribas”.⁵

É dessa forma que Jesus responde a questão apresentada antes: como poderiam os discípulos viver de maneira a demonstrar uma justiça superior a dos escribas e fariseus? A resposta de Jesus é: vivendo a lei de forma integral, alinhando os atos e o coração com a vontade revelada de Deus para o discípulo nos comandos do Eterno. Logo, Jesus deixa claro que como Messias Legislador veio para levar os comandos do Eterno até onde a lei de Moisés não poderia ir, o interior do coração humano.⁶ O Senhor Jesus estava por um lado afirmando a continuidade entre a ética da Antiga Aliança e da Nova Aliança e por outro afirmando a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga.

Dentro dessa moldura, podemos olhar mais de perto a maneira como Jesus articula os comandos para o discípulo viver na realidade presente do Reino de Deus, começando pelo homicídio. Jesus deixa claro que o comando que proíbe o homicídio (sexto comando) não só nos proíbe de matar fisicamente, mas de matar no coração (v.22), seja pela ira ou por insultos. Ao mesmo tempo, exige que haja humildade para pedir perdão quando ofendemos o outro e coloca o pedir perdão antes e talvez acima do ritual de culto: desconectados do outro, desconectados do Eterno.

Em seguida, Jesus deixa claro que não dormir com outra pessoa não é o bastante para cumprir o mandamento sobre adultério (sétimo comando)(v.28), pois abrigar a lascívia e a cobiça no coração ferem a aliança de fidelidade cuja verdadeira sede é o coração. É por isso que a pornografia é um pecado insidioso, perigosíssimo e mentiroso: enquanto para alguns o fato de não haver relação sexual de fato é um atenuante, o fato é que ser infiel buscando prazer visual em outra pessoa implica em ser infiel na parte mais importante de nosso ser, que é o nosso coração.

Jesus deixa claro que a condição para o divórcio deve ser extrema e não abre espaço senão quando a aliança foi quebrada de fato pelo adultério (v.32). Além disso, de passagem Jesus deixa claro que nossa palavra deve ser verdadeira (nono comando) (v.37), e não devemos utilizar juramentos para mascarar a falta de verdade.

O Redentor também deixa claro que a vingança é um tema sensível para o discípulo, dedicando boa parte de sua exposição a este tema (v.38-48). Os judeus estavam sob domínio romano e o desejo de vingança e de retribuir a violência e humilhação eram grandes nos corações. Jesus então cita exemplos muito práticos (v.39-42) e em seguida mostra que o amor concedido até mesmo ao inimigo é um ato que mostra que os discípulos são filhos do Pai Celestial (v.45,48).

Sobretudo, Jesus deixa claro que o verdadeiro discípulo não obedece apenas mecanicamente os comandos, mas deseja ter o coração transformado a ponto de estar alinhado com os comandos, deseja ter um coração que seja misericordioso, perdoador, compassivo, puro, obediente, generoso e amoroso. Ou seja: voltamos a falar que o verdadeiro discípulo de Jesus é o aprendiz que está sendo transformado de tal maneira

³ TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.52

⁴ THIELMAN, Frank; *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd, 2007, p.109

⁵ TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.52

⁶ CARSON, D. A.: *Matthew*. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 141

a pensar, sentir e agir como Jesus, sendo integralmente transformado pelo Espírito de Deus conforme a imagem do Filho.

Nesta seção Jesus eleva o comando do amor ao próximo até a escala final – ser capaz de amar até mesmo aqueles que nos odeiam – e ao mesmo tempo lança o fio que une esta peça de tapeçaria que é o sermão do monte: o fio da paternidade celestial sobre os discípulos. Jesus irá repetir essa ideia cerca de nove vezes ao longo do capítulo 9 (v.1,v.4, v.6, v.8, v.9, v.14, v.18, v.26 e v.32), amarrando agora os temas da vida de piedade do discípulo com o fato de os discípulos serem filhos do Pai Celestial.